

Tarcisio Lage

CRÔNICAS DE UM MASSACRE



A ocupação do Iraque e a doutrina Bush das guerras preventivas

Originalmente publicadas no site www.anarco.net

www.anarcolivro.net

Hilversum – Holanda

Março de 2004

Copyright©Tarcisio Lage, 2004
www.anarcolivro.net
Edição Digital - PDF
Hilversum-Holanda
Março 2004

Reprodução livre. Pede-se citar a fonte

SUMARIO

Sumário.....	2
Introdução.....	3
Globalização do protesto.....	4
Estratégia do terror.....	5
Erro político.....	6
Estratégia falida.....	7
A velha ordem.....	9
As fases da cupação.....	10
A guerra permanente.....	12
A vitória do terror.....	13
A mentira recompensada.....	15
A guerra começou.....	16
Palmas que eles merecem.....	17

INTRODUÇÃO

Há um ano, no dia 20 de março de 2003, iniciava-se a ocupação do Iraque por uma força equipada com o que há de mais moderno na arte de matar. A primeira fase desta ocupação, que termina com a entrada dos invasores em Bagdá, a destruição teatral da estátua de Saddam Hussein e a capitulação das forças governamentais, foi narrada em prosa e verso por seus autores. Queriam também exibir os soldados invasores sendo recebidos com flores, mas isso não foi possível. Felizmente, graças à internet, à imprensa alternativa e a uns poucos órgãos de comunicação estabelecidos, ouviram-se vozes dissidentes, elucidando os verdadeiros interesses dos Estados Unidos em impor numa nova ordem assentada na hegemonia agora incontestável de seu poderio militar, a chamada doutrina Bush das guerras preventivas, o direito de intervenção em qualquer parte do mundo onde estiverem em jogo os interesses estadunidenses. O massacre iniciado dia 20 de março durou 22 dias, dando início à ocupação pura e simples e o começo da guerra de guerrilha pela resistência. As crônicas aqui reunidas, publicadas no site www.anarco.net, cobrem o período que vai dos preparativos para a invasão até os primeiros sinais da guerrilha contra a ocupação do país pelas tropas de Bush e Blair.

Hilversum, 20 de março de 2004

GLOBALIZAÇÃO DO PROTESTO

Um ponto positivo nesta crise do Iraque é a nítida divisão entre os países imperialistas e também no interior deles. Na Grã-Bretanha, fiel aliada dos EUA, o Partido Trabalhista passa pela pior crise dos últimos cem anos, no dizer do Guardian de Londres, com 122 de seus deputados votando contra a guerra. A França, que sempre combateu as pretensões hegemônicas dos EUA desde o fim da Segunda-Guerra Mundial, está jogando todo o peso de sua influência no Conselho de Segurança. A Rússia, herdeira do poderio militar soviético, seguramente não quer abrir mão de sua influência, enquanto a China – considerada por muitos o próximo império – não tem nenhum interesse em ceder aos EUA o poder exclusivo de decisão sobre a política mundial. O melhor ponto positivo da crise, no entanto, é a globalização do protesto, evidenciada nas manifestações maciças do dia 15 de fevereiro em mais de 600 grandes cidades mundo afora. A cúpula guerreira estadunidense e os grandes meios de comunicação procuraram, como era esperado, dar pouca importância às manifestações, mas sabem que elas representam uma repulsa da opinião pública que não pode ser descartada. Tony Blair já é visto como a primeira vítima política da aventura iraquiana. Bush, devido ao grau de despolitização por que passam os EUA no momento, ainda poderá sobreviver. Não por muito tempo. Defesa antimíssil e normas draconianas contra ataques terroristas são relativamente fáceis se comparadas à defesa contra a globalização do protesto.

14.03.2003

ESTRATÉGIA DO TERROR

Prestem atenção. Não tenho bola de cristal, mas não é difícil prever o que vai acontecer no Iraque. Os invasores vão utilizar a superbomba de 10 toneladas, a MOAB, testada esta semana na Flórida. O objetivo anunciado será um alvo militar, mas por um erro de cálculo qualquer, vai atingir a população civil provocando uma matança generalizada. Esta previsão não sai do nada. Baseia-se na estratégia do terror que os Estados Unidos vem aplicando em suas invasões desde a Segunda-Guerra Mundial. As bombas incendiárias em Tóquio, o napalm no Vietnã, sem falar das incursões na América Latina, quase sempre deixando, após o terror, um ditador para continuá-lo. Mas, o exemplo maior é a bomba de Hiroxima, the Little Boy, piada de mau gosto de genocidas. No dia 11 de junho de 1945, no chamado Relatório Franck, os cientistas do Projeto Manhattan em Chicago sugeriram que o Japão fosse avisado da existência da nova arma e que uma bomba fosse detonada numa ilha deserta para provar sua eficiência. O governo Truman rejeitou a proposta e foi em frente. Em seu diário, Truman indicou ter ordenado que a bomba fosse atirada contra um alvo "puramente militar". Ao invés disso, foram escolhidas Hiroxima e Nagasaki, as duas cidades japonesas mais pacíficas, quase só habitadas por civis e que ainda não tinham sido atingidas pelos maciços bombardeios convencionais. O resultado sabemos: 250 mil mortos em Hiroxima, 100 mil no momento da explosão...70 mil em Nagasaki além das mazelas da radiatividade que perduraram anos. Este genocídio, no fim das contas, atendia perfeitamente a estratégia do terror de Washington visando desencorajar os inimigos potenciais dos EUA, sobretudo a União Soviética.

O massacre do Iraque tem o mesmo objetivo, desencorajar inimigos potenciais, provocando uma mortandade com sua MOAB, sigla em inglês para Munição para Ataque Aéreo em Massa, apelidada pelos engraçadinhos do Pentágono de a mãe de todas as bombas. Os irresponsáveis massacram e ainda fazem piadas.

14.03.2003

ERRO POLÍTICO

Que fique bem claro. O que começou no dia 20 de março, por ordem do texano George W. Bush, não é uma guerra. É um massacre deliberado contra um país semidestruído. Saddam não passa de um ditador como muitos outros que foram criados ou apoiados pelos Estados Unidos. O massacre faz parte da estratégia do terror designada pelos falcões do Pentágono. O Iraque foi simplesmente escolhido como o exemplo para reforçar a intimidação, também adotada pelos burocratas do Departamento de Estado como base da nova política exterior. A reunião do Conselho de Segurança, após o início do massacre, sem a presença dos Estados Unidos e seus capachos mais diretos, retratou muito bem o que esta instância do direito internacional foi reduzida. Transformou-se em mais um fórum de debates sem qualquer poder de decisão, como a desmoralizada Assembléia Geral da ONU. Desde a Segunda Guerra Mundial, o Conselho de Segurança tem sido o instrumento de intimidação do Clube da Bomba, dos cinco países com assento permanente, possuidores de arsenais nucleares e ungidos, por isso, com o direito de veto. Os Estados Unidos esperam, com o massacre do povo iraquiano, afirmar que só eles agora podem ter esse direito de veto real. A Rússia, com bombas e mísseis bastantes para pulverizar o planeta pelo menos uma dezena de vezes, não está gostando nada da história. Putin disse que Bush cometeu um grande erro político. E tudo indica que cometeu mesmo. Bush, desprovido de um horizonte político mais amplo, não entendeu que os EUA, por mais poderosos que sejam, não podem dispensar ainda seus pares do Clube da Bomba para manter a ordem

que permite a exploração e a pilhagem dos países da periferia.

21.03.2003

ESTRATÉGIA FALIDA

Bush está perdendo a guerra. Por quê? O Iraque foi escolhido a dedo como o segundo país a ser punido, depois do Afeganistão, após os atentados do dia 11 de setembro de 2001. Em 12 anos de sanções e boicotes, o Iraque tornou-se um país semidestruído, sobrevoado constantemente pela aviação estadunidense e britânica, no norte e no sul, nos chamados corredores de exclusão. Em duas ocasiões diferentes, inspetores da ONU estiveram no Iraque para saber se ainda existiam no país mísseis de longo alcance e as armas químicas e biológicas que os EUA e a Grã-Bretanha ajudaram Saddam a construir, quando o inimigo era o Irã. Da última vez, os inspetores sob a direção de Hans Blix nada encontraram no Iraque além de ruínas e até destruíram alguns mísseis abandonados, enferrujados e cobertos por bosta de pássaros . Nestas condições – com o Iraque em ruínas, impossibilitado de vender petróleo, desprovido de seus melhores armamentos, governado por um ditador odiado mundo afora – os EUA e seus capachos reuniram uma força punitiva com os melhores armamentos conhecidos e mais de 300 mil soldados. A idéia era bombardear em um ou dois dias todas as instalações do governo, a operação decapitação, abrindo caminho para a entrada triunfal das tropas, que seriam recebidas de braços abertos. Isto não aconteceu. Prevalece a velha lição de Maquiavel, de que invadir um país é fácil, difícil é manter-se lá dentro. Cada dia que a guerra se estende é um duro golpe para a estratégia do Pentágono para o que eles chamam, e Bush sempre repete em seus discursos, da guerra global contra o terrorismo, mas que, na verdade, é a tentativa de impor uma nova ordem internacional em que Washington passa a ser o

centro das decisões substituindo o Conselho de Segurança. Cada dia que a guerra dura, com protestos enchendo as ruas mundo afora, o governo Bush se desgasta, arriscando até a perder o apoio do povo americano, dopado pelo consumismo. E é preciso ressaltar que os EUA entraram nesta guerra programada pensando que seria uma expedição punitiva de poucos dias. A vitória fácil não foi obtida. Ficou apenas a arrogância de se meter numa aventura bélica sem o aval dos parceiros dos EUA com direito a veto no Conselho de Segurança, pela ordem de importância, Rússia, China e França.

Em resumo, a resistência iraquiana não vai salvar o regime de Saddam Hussein, mas está destruindo a estratégia do Pentágono de impor a hegemonia total e incontestável dos EUA. De enfiar a doutrina Bush goela abaixo de aliados e opositores. Se atacar um país semidestruído como o Iraque está custando tanto, imagine uma guerra contra a Coreia do Norte bem armada e até com dentes nucleares? E contra o Irã, com a oposição de pelo menos três países do "clube da bomba", bom apelido para os cinco com assento permanente no Conselho de Segurança? Pior, até o capacho mor de Bush, Tony Blair, não se sente mais à vontade em descartar o Conselho de Segurança. A estratégia das guerras preventivas – de atacar o inimigo em qualquer rincão da Terra com diz Bush – está sendo sepultada nas areias do Iraque ao lado do regime de Saddam Hussein...a não ser que Bush queira iluminar o mundo inteiro com o clarão nuclear.

28.03.2003

A VELHA ORDEM

Zbigniew Brzezinski andou lamentando que a vitória militar dos EUA no Iraque vá custar um preço político muito alto. Brzezinski, polonês naturalizado estadunidense, foi conselheiro do presidente Jimmi Carter. Digamos, foi sua Condoleezza Rice, depois de ter servido a Kennedy e Johnson. Diz ele que a falta de consenso da comunidade internacional para se livrar de Saddam Hussein tornará extremamente complicado o desarmamento da Coréia do Norte, que será a "bola da vez" . Em tempo, entenda-se comunidade internacional o conjunto dos países ricos, os outros não contam. A crítica de Brzezinski, ator de destaque nos tempos da guerra fria, é contra o sectarismo de Bush e sua camarilha de militaristas e fanáticos religiosos, querendo impor uma "nova ordem" com todas as aspas possíveis contra a vontade de seus pares europeus. Evidentemente, está não é a linguagem do antigo conselheiro de Jimmi Carter. O homem é afinado com a ordem internacional que gira em torno do arcabouço da ONU e de seu Conselho de Segurança dominado pelo Clube da Bomba, os cinco países com acento permanente, detentores dos maiores arsenais nucleares do planeta. Sua crítica, no entanto, é muito interessante por evidenciar as contradições na cúpula do império. Bush entendeu que os atentados de 11 de setembro lhe deram carta branca para agir à margem da ordem imperialista. Entendeu mal, não soube colher os frutos que os atentados lhe dariam se tivesse cultivado a velha ordem. Cinismo à parte, bombardear

não é problema. Clinton bombardeou a Sérvia do mesmo modo que Bush bombardeia o Iraque, mas sob o manto da OTAN e a benção da União Européia e do Conselho de Segurança. Nova ordem? Quem quer uma nova ordem são os povos e países explorados. Bush e seus pares, para continuar a dominação, precisam da velha, no máximo com alguns retoques.

04.04 2003

AS FASES DA OCUPAÇÃO

O massacre do Iraque pelas tropas invasoras entrou na fase da liquidação seletiva dos partidários do regime deposto no meio do caos. Isso deve durar ainda algumas semanas, tempo em que o Washington tentará recompor a aliança partida com os países que mamam nas tetas do imperialismo, França e Alemanha sobretudo, e que se opuseram ao massacre no início.

Recomposta a aliança, restaurado o circo em que se transformou o Conselho de Segurança, será o momento da partilha e da ocupação efetiva do Iraque. A contragosto, os EUA terão de dividir os contratos entre suas firmas e as dos aliados dentro do imperialismo para a rendosa reconstrução iraquiana. Depois será a vez dos poços de petróleo, um dos motivos principais do massacre, estabelecendo um regime neoliberal em que as grandes companhias, as norte-americanas na frente, assumirão o controle das reservas iraquianas.

Em artigo escrito para o Pravda, Dmitry Slobodyanyuk fala das previsões, inclusive do vice-premier russo Viktor Khristenko, de que a OPEP, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, irá desaparecer junto ao regime de Saddam Hussein, restabelecendo o reino absoluto das multinacionais do petróleo.

A terceira parte da ocupação será o estabelecimento de um governo fantoche, pseudamente democrático, submetido a todos os mecanismos da dominação imperialistas como é o caso do FMI.

A quarta parte da ocupação, estrategicamente a mais importante, será a criação de bases militares permanentes dos EUA no Iraque, consolidando o domínio sobre praticamente todo o Oriente Médio, colocando seus mísseis permanentemente apontados para países que ainda não aderiram como a Síria e o Irã. É pouco provável que os EUA partam agora para uma terceira guerra preventiva.

O massacre do Iraque, um país semidestruído por 12 anos de bombardeios e boicote, não foi tão fácil como se previa e os bolsões de resistência utilizando táticas de guerrilha com combatentes suicidas permanecem e tudo indica vão permanecer por muito tempo. Pelo menos durante um ano, vamos assistir uma seqüência de chantagens e de intimidação dos falcões do Pentágono contra a Coréia do Norte, Síria e Irã, em meio às exibições circenses do Conselho de Segurança e da Assembléia Geral da ONU.

O ponto positivo é que os árabes, humilhados como nunca pelas tropas invasoras, desenvolveram um sentimento antiestadunidense poucas vezes visto. Sentimento que se espalha mundo afora. É por aí que a estratégia guerreira de Bush e dos falcões do Pentágono pode fracassar.

11.04.2003

A GUERRA PERMANENTE

Terminado o massacre do Iraque, pelo menos a fase mais aguda, a Coreia Norte agora é a bola da vez. Os comentaristas adotaram o termo, bola da vez, pressupondo-se que a política internacional não passe, em época de governantes como Bush, de uma jogatina de sangue. É sintomático que a clique de Washington tenha aderido a este pensamento grotesco de fazer história, ao distribuir entre as tropas invasoras do Iraque 55 cartas de baralho, cada uma representando um elemento do primeiro escalão do regime de Saddam Hussein. No entanto, Bush não passa de um serviçal do complexo industrial-militar-financeiro que comanda a política exterior dos EUA. A jogatina de sangue, na qual a Coreia do Norte seria agora a "bola da vez", não é uma invenção da mente tacanha de Bush, mas uma política que ganhou peso depois da Segunda Guerra Mundial. Para manter seus dentes afiados – seu arsenal atômico, suas armas de precisão e toda a parafernália que lhes custam uns 400 bilhões de dólares ao ano – os Estados Unidos necessitam estar envolvidos em conflitos, mais do que isso, precisam incentivar guerras mundo afora, precisam de inimigos, de uma bola da vez para prosseguir sua jogatina de sangue. Os atentados de 11 de setembro – a guerra pela primeira vez sendo levada para dentro do território estadunidense – caíram do céu para os planos da guerra permanente dos falcões do Pentágono, dando-lhes de quebra uma vantagem extra: a drástica redução das liberdades democráticas dentro dos EUA, numa espécie de segunda edição do macarthismo. Pode ser que leve alguns anos, décadas numa previsão mais pessimista, para que as forças realmente democráticas dentro dos

EUA superem o trauma das Torres Gêmeas e voltem a atuar. Até que isto aconteça, teremos o império governado por falcões sedentos de sangue.

25.04. 2003

A VITÓRIA DO TERROR

Duas notícias, aparentemente sem nenhuma conexão, proporcionam a exata medida do retrocesso histórico em que vivemos neste início de século. Uma delas nos foi brindada dia 22 de maio pelo Conselho de Segurança ao sacramentar quase por unanimidade o massacre do Iraque e a posterior ocupação do país pelas tropas de Bush e Blair. O Conselho de Segurança é o guardião da ordem internacional forjada ao fim da Segunda Guerra Mundial, tendo como pilar os cinco membros permanentes, as cinco potências nucleares com direito a veto, o Clube da Bomba. Dito de outra maneira, a ordem internacional baseia-se na chantagem atômica, na dissuasão pelo terror nuclear.

A outra notícia refere-se à decisão do Senado estadunidense de cancelar a proibição das pesquisas para a fabricação de pequenas bombas nucleares, de cinco mil megatons ou cinco toneladas de TNT. Quer dizer, bombas táticas que podem ser empregadas nas guerras limitadas nos países periféricos. Para abarrotar seus arsenais com estas novas bombas, a administração Bush vai contar com a superverba de US\$ 400 bilhões destinada à indústria armamentista.

Unindo as duas notícias, temos o arcabouço da nova ordem – na verdade uma ordem velha – almejada pelos Estados Unidos. Com seu imenso poderio militar sem qualquer rival, os estadunidenses reduziram o poder dos membros permanentes do Conselho de Segurança e se proclamaram como os únicos com real poder de veto. Com as bombas nucleares táticas, pensam os estrategistas do Pentágono, será mais fácil implementar a dominação pelo terror e, não tenham

dúvidas, numa próxima guerra, vão utilizá-las como exemplo, do mesmo modo que já usaram mísseis com urânio enriquecido nos Bálcãs e no Iraque.

É certo que a clique de Bush vale-se dos atentados de 11 de Setembro de 2001 para justificar a nova política de dominação pelo terror. Talvez nem seja totalmente fora de propósito a tese de que a CIA e outras agências tenham participado indiretamente dos atentados. Vidas humanas não têm a menor importância para esta clique sedenta de poder. Felizmente, a cada retrocesso histórico, vêm novos avanços. Para levar a cabo sua política de terror, a administração Bush teve de reviver o clima macarthista dos anos 50, reduzindo as liberdades democráticas dentro dos EUA, além de exportar este clima repressivo para a Europa e outras regiões. É bem provável que enquanto joga suas bombas na periferia, o império seja minado por dentro.

23.05.2003

A MENTIRA COMPENSADA

Consumado o massacre no Iraque, vem agora o Parlamento Britânico reconhecer que o documento que lhe foi entregue sobre as supostas armas de destruição em massa de Saddam foi manipulado, que era tudo mentira. Anteriormente, documentos parecidos apresentados por Colin Powell ao Congresso em Washington revelaram ser a mais pura manipulação. Nada disso nos impediu de ter de aturar Bush e Blair diante das câmaras de televisão, como atores canastrões, repetindo as mentiras para justificar o massacre avidamente esperado pelos senhores do complexo-industrial-militar, pelas petroleiras em particular e pelos capitães das indústrias que hoje mamam nas verbas para a reconstrução iraquiana.

A triste constatação é que o povo, transformado em massa manipulada pelos meios eletrônicos, é fácil de ser tangido como gado. Nos EUA a situação é tão deprimente que até hoje os sanguinários falcões do Pentágono são altamente populares, promovidos por um novo machartismo que assola o país. O patriotic act ou lei do patriotismo, liquidando as liberdades individuais, só foi possível por causa da manipulação numa escala poucas vezes vista, utilizando-se dos mais sofisticados meios de comunicação. Talvez nunca se tenha seguido o conselho de Goebbels – repetir a mentira até que se transforme em verdade – tanto quanto no massacre do Iraque. . Até o momento, a mentira compensou seus autores, visto que até o Conselho de Segurança sacramentou a ocupação. A denúncia do Parlamento Britânico pode ser um indício – um pequeno indício – de que o povo britânico esteja acordando da letargia provocada pela propaganda

massiva. Nos EUA, infelizmente, o estupor continua. O ponto positivo é que na era das comunicações na velocidade da luz, as situações mudam rapidamente. E o machartismo de Bush e Rumsfeld já começa a incomodar muita gente acostumada às liberdades individuais. Para os impérios, a consciência dos indivíduos pode ser mais perigosa do que qualquer arsenal de armas químicas e bacteriológicas.

20.05.2003

A GUERRA COMEÇOU

Em meados de abril tivemos de suportar Tony Blair com cara de ator vendendo sabonete na TV e o jeito messiânico de Bush arregimentando adeptos, os dois lado a lado, anunciando a queda de Saddam Hussein e a libertação do Iraque. A imprensa, sempre apressadinha, engoliu a decretação do fim da guerra para derrubar o ditador e as tropas invasoras, triunfantes, só tinham de esperar a aclamação do povo liberto. Para começo de conversa, o que começou dia 20 de março e "terminou" no dia 9 de abril não foi guerra nenhuma. Foi o massacre deliberado e planejado de um país sem-destruído pela maior máquina de destruição em massa de todos os tempos visando o domínio estratégico da maior região petrolífera do Planeta. Era tão certo como dois mais dois são quatro que o exército regular de Saddam não poderia resistir os marines equipados com o que há de mais moderno na arte de matar. O que os estrategistas de Rumsfeld não levaram em conta é que a guerra, de fato, estava justamente começando depois das imagens triunfalistas da estátua de Saddam sendo derrubada por um tanque invasor. E que um país invadido é um campo fértil onde guerrilheiros brotam como cogumelos na umidade. Até o Maquiavel já tinha advertido, cinco séculos atrás, que invadir um país é fácil, difícil e permanecer lá dentro. O pior nessa história toda é a posição da Europa e da desmoralizada ONU. Países que se opuseram à guerra, no início, e agora se prestam a enviar tropas para ajudar os estadunidenses e britânicos a se defenderem da resistência iraquiana. Mesmo um país insignificante militarmente, a Holanda, prepara o envio de 6 mil soldados ao Iraque. Os representantes da ONU vêm a público – como foi o caso do diplomata português Ramiro Lopes, chefe do

programa de ajuda humanitária no Iraque – pregando a necessidade do restabelecimento da ordem no país, sem especificar que a ordem é aquela ditada pelos ocupantes. Cerca de seis oleodutos já foram destruídos desde "o fim da guerra" e os ataques contra as patrulhas invasoras são diários. É a guerra de guerrilhas, como disse um capitão dos marines. E a ONU prega a ordem. A ordem que Bush e seus assecclas querem impor ao mundo.

27.06.2003

PALMAS QUE ELE MERECE

Tony Blair, o primeiro-ministro britânico que no dizer de Mandela mais parece um Secretário de Estado de Bush, tirou a máscara perante o Congresso em Washington, admitindo que podia ter mentido sobre as tais armas de destruição em massa de Saddam e, numa explosão demagógica, pediu perdão à História. Foi aplaudidíssimo. O que não é de estranhar, visto que sua audiência era composta em sua maioria pela fina flor dos que mamam nas tetas do complexo-industrial-militar, senadores e deputados eleitos num sistema que privilegia o poder econômico. Blair justificou a guerra, mesmo com as mentiras e tem razão do ponto de vista imperialista. O massacre, que usurpou do povo iraquiano até o direito de eliminar seu ditador, foi o caminho mais curto para assegurar o controle da região onde estão as maiores reservas de petróleo do mundo e amalgamar com um ato de força a nova ordem mundial assentada não mais no Conselho de Segurança da ONU, mas na hegemonia incontestada do poderio militar dos EUA. Felizmente, os atalhos da História que os prepotentes se dão ao direito, comportam seus perigos. O massacre do Iraque foi fácil, a maior máquina de guerra de todos os tempos, dispendo das armas mais sofisticadas, contra um exército em ruínas de um ditador desmoralizado. A guerra de guerrilha dos iraquianos sob ocupação e o avanço democrático, mesmo nos países onde as eleições são controladas pelo poder econômico, são as pedras no caminho de Bush e Blair. Com a guerrilha no Iraque, o fantasma do Vietnã – a primeira grande



derrota militar dos EUA – ronda novamente o país e as pesquisas de opinião já indicam que a bushestupidez que tomou conta dos estadunidenses começa a declinar. A mesma coisa na Grã-Bretanha, onde nenhum apostador quer arriscar sua grana no primeiro-ministro Tony Blair. Os aplausos do Congresso podem ser o começo do fim da carreira de quem talvez seja o maior capacho da atualidade. Ele e o Bush têm na certa um lugar reservado na lata de lixo da História.

18.07.2003
